

Flávia Ghignone Braga Ribeiro

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 16: Relações entre currículo e avaliação no ensino de sociologia na educação básica

A presença e a abordagem da Sociologia no Exame Nacional do Ensino Médio: um enfoque na edição de 2018.

Belém, Pará

2021

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa mais ampla *A presença e a abordagem da Sociologia no Exame Nacional do Ensino Médio a partir das diretrizes e orientações curriculares oficiais para a disciplina*¹, que buscava uma análise da inserção da Sociologia nas edições do Enem, de 2009 a 2018, considerando a matriz de referência do exame, os documentos oficiais norteadores do currículo, o livro didático e a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na presente proposta, retoma-se a análise centrada na ocorrência da Sociologia nas provas do Enem daquele período, com foco na edição de 2018, por ser a última e mais recente no intervalo estudado e, nesse sentido, revelar tendências que possam ter se estabelecido.

A importância dessa discussão está atrelada a dois fatores: em primeiro lugar, a trajetória particular de constituição da disciplina de Sociologia que, com idas e vindas legais, só passou a ser componente curricular obrigatório no Ensino Médio com a Lei nº 11.684 de 2008, enfrentando uma condição sensível:

Pensar Sociologia no ensino médio, hoje, é constatar a ausência de uma base real na sala de aula, nas dimensões tempo e espaço, que influenciam sua presença no currículo. [...] Esses dados objetivos, aliados a outros elementos estruturais do ensino brasileiro, geraram uma especificidade, conferindo à Sociologia o *status* de disciplina intermitente no currículo, ainda não consolidada (MENDONÇA, 2013, p. 431-432).

Os desafios que impactam a construção da identidade escolar da disciplina ainda perduram, agravados por dados preocupantes relacionados à formação dos docentes. Conforme evidenciaram Bodart e Silva-Sampaio, 85,3% dos docentes que lecionam Sociologia não são formados na área, “em outros termos, existem mais pedagogos e professores de História lecionando Sociologia do que profissionais habilitados na área” (BODART; SILVA-SAMPAIO, 2019, p. 45-46).

Em seguida, ressalta-se a abrangência e relevância que o Enem assumiu no contexto educacional brasileiro, notadamente a partir de 2009, quando se popularizou como meio de acesso à educação superior no país, refletindo e influenciando os processos educativos e a consolidação de práticas e saberes, inclusive curriculares. O

¹Este artigo traz um recorte da dissertação apresentada, em 2020, ao curso de Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, realizado mediante convênio com o Inep. Disponível em: <http://mestrado.caeduff.net/a-presenca-e-a-abordagem-da-sociologia-no-exame-nacional-do-ensino-medio-a-partir-das-diretrizes-e-orientacoes-curriculares-oficiais-para-a-disciplina/>.

Enem foi criado em 1998, articulado à reforma educacional da época e em convergência com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 e, desde então, é realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, o Inep. Sua criação foi influenciada por tendências internacionais, explorando uma concepção abrangente de aprendizagem que “permitia experimentar o moderno conceito de Matriz de Competências e Habilidades” substituindo “a varredura de currículos para investir em uma prova interdisciplinar e capaz de avaliar estruturas cognitivas” (BRASIL. INEP, [2018], p. 20).

Em 2009, o exame passou por aprimoramentos e reformulações e sua matriz de referência, que era única, passou a contemplar as quatro áreas de conhecimento (Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias). A Sociologia está contemplada na matriz de Ciências Humanas e, dessa forma, “chega ao vestibular em meio à interdisciplinaridade sem ter tido o mesmo tempo que as outras áreas para estabelecer a sua disciplinaridade” (FRAGA; MATIOLLI, 2012, p. 19).

Trata-se portanto de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio da análise documental das provas de Ciências Humanas do Enem², de 2009 a 2018, e de sua matriz de referência³, com o objetivo de verificar a presença e a abordagem da Sociologia no Enem, por meio do levantamento das questões que contemplavam a disciplina em cada edição e da análise mais aprofundada sobre a representatividade do conhecimento sociológico⁴ nas provas, com foco na edição de 2018, para propor reflexões que contribuam para o aprimoramento do exame e o fortalecimento da Sociologia.

DESENVOLVIMENTO

As análises e resultados desta pesquisa consideraram o diálogo com outros pesquisadores que se debruçaram anteriormente sobre o tema. Nesse cenário, avaliando a abordagem da Sociologia no vestibular, Fraga e Matioli chamaram a atenção para

² As provas do Enem estão disponíveis em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>.

³ A matriz de referência é o documento que orienta a elaboração da prova e está disponível em: https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf.

⁴ As expressões ‘conhecimento sociológico’, ‘pensamento sociológico’ ou ‘imaginação sociológica’ neste estudo, seguem o sentido mais amplo dado à Sociologia no Ensino Médio, sob o entendimento de Ciências Sociais, contemplando além da Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política.

algumas especificidades da disciplina, como a diversidade metodológica e teórica, observando a “perda de legitimidade, por conta da indefinição das fronteiras de seus conteúdos, e dúvidas quanto à sua cientificidade” (FRAGA; MATIOLLI, 2012, p. 2). Assim, os autores reconhecem que a cobrança nos vestibulares contribui para a legitimação da disciplina, no entanto, também promove certo “enquadramento” que merece análise diante da amplitude da discussão sociológica. Observam que “as demais disciplinas também têm seus conteúdos enquadrados de diferentes formas, ao serem cobrados no vestibular, mas essa questão já é vivenciada por elas há mais tempo. No caso da Sociologia, não”, concluindo que “é preciso refletir sobre os limites desse enquadramento” (FRAGA; MATIOLLI, 2012, p. 3).

O conceito de enquadramento é derivado do pensamento do sociólogo britânico Basil Bernstein, que se destacou no campo da Sociologia da Educação e, ao elaborar a teoria do dispositivo pedagógico, buscou elucidar “o processo pelo qual uma disciplina ou um campo específico de conhecimento é transformado ou ‘pedagogizado’ para constituir o conhecimento escolar” (MAINARDES; STREMEL, 2010, p. 41).

Em seu mecanismo, Bernstein explorava as relações de poder e de controle social por meio dos conceitos de classificação e enquadramento. “O autor distingue entre classificações fortes e fracas. Quando existe um grande isolamento entre as categorias, pode-se dizer que a classificação é forte” (SANTOS, 2003, p. 27), assim, nos currículos em que as fronteiras entre as disciplinas são bem demarcadas, a classificação é forte e nos currículos em que predomina a interdisciplinaridade, a classificação é fraca. Já o enquadramento apresenta-se como “o controle nas interações comunicativas presentes nas práticas pedagógicas” (SANTOS, 2003, p. 28-29), é a via da legitimação. Por conseguinte, “quando o enquadramento é forte, o transmissor tem um controle explícito sobre a seleção, sequência e ritmos da prática pedagógica” e o oposto acontece quando o enquadramento é fraco (SANTOS, 2003, p. 29).

Rossi (2017) foi outra autora que também analisou a abordagem e principalmente os resultados da Sociologia nas avaliações externas. A pesquisadora inicialmente ponderou sobre o papel da disciplina no Ensino Médio, ressaltando a aproximação temática com o cotidiano dos alunos e, conseqüentemente, com o conhecimento produzido no senso comum:

A Sociologia precisa, então, construir pontes e fronteiras com este conhecimento, utilizando-o também como objeto de observação e análise. É no diálogo com o senso comum que reside o maior potencial da presença da Sociologia no Ensino Médio, pois mobiliza perspectivas e metodologias de pesquisa que podem alargar o imaginário dos jovens, servindo de instrumento para a quebra de estruturas mentais programadas e já viciadas (ROSSI, 2017, p. 155).

Ao observar os resultados dos estudantes em avaliações externas realizadas no Amazonas, Bahia e Ceará, no ano de 2012, a pesquisadora pôde concluir que “as competências sociológicas mais facilmente compreendidas são aquelas que dialogam mais diretamente com o conhecimento da vida cotidiana, com o senso comum”, assim como, “as competências consideradas as mais difíceis [...] dizem respeito a conteúdos pouco disseminados, distantes do senso comum” (ROSSI, 2017, p. 164). E alerta que a Sociologia não pode se confundir com o senso comum e que a ampla circulação de informações no mundo globalizado precisa estar combinada ao debate e reflexão coletivos, para viabilizar a sua transformação em conhecimento sociológico.

Em outro estudo que analisava o tratamento da Sociologia nas matrizes curriculares estaduais e no Enem, Lima também pontuou a influência do exame para o “estabelecimento de um padrão nacional coeso de saberes legítimos, privilegiando disciplinas, formas e conteúdos localizados” (LIMA, 2017, p. 129). O autor analisou o exame até o ano de 2015, notando que “desde a primeira edição do Enem, em 1998, saberes próprios da Sociologia estiveram presentes no exame num diálogo interdisciplinar e multidisciplinar” (LIMA, 2017, p. 130).

Mas considerando especificamente o segundo período do Enem, a partir de 2009, Lima destaca “o avanço do processo de isolamento e aprofundamento das disciplinas, dos conteúdos, teorias e recursos solicitados” (LIMA, 2017, p. 138), notando que são mais “raros os casos em que não é possível identificar explicitamente a centralidade de uma das disciplinas da questão” (LIMA, 2017, p. 141). Em seu levantamento sobre as questões sociológicas no período de 2009 a 2015, o autor registra 174 ocorrências, mas faz ressalvas:

Entre 2009 e 2015, parte considerável das questões esteve articulada com outras disciplinas e não necessariamente de centralidade sociológica. O levantamento inicial identificou como questões centralmente sociológicas 39 (22%) das 174, no período. Isto é, as demais caracterizam-se por arremetarem algo da sociologia, mas serem estruturadas centralmente pelas outras disciplinas (LIMA, 2017, p. 139-141).

Diante de todas essas considerações prévias, foi realizada a análise documental das provas de Ciências Humanas do Enem, do período de 2009 a 2018. Para viabilizar um levantamento da presença da Sociologia, as 45 questões⁵ de cada caderno foram analisadas e classificadas de acordo com as subáreas das Ciências Humanas que contribuíram em cada uma delas (Filosofia, Geografia, História e/ou Sociologia), identificando-se uma que predomina, ou duas ou mais, no caso de uma abordagem interdisciplinar mais difusa. Ressalta-se que o exame apresenta proposta interdisciplinar e contextualizada e assim não prevê quantitativos mínimos, equitativos ou qualquer distinção entre subáreas. A classificação realizada considera essa premissa, entendendo que ainda assim é possível identificar a contribuição específica das disciplinas.

A classificação das questões foi realizada pela autora, a partir de critérios como a referência do texto-base e os elementos mobilizados na situação-problema (tema, conceitos, teorias etc). Considerou-se ainda o gabarito, com a intenção de identificar as questões em que o pensamento sociológico contribui não apenas contextualmente, mas é efetivo para a sua resolução. A ocorrência de autores vinculados à Sociologia nas questões também foi considerada relevante por ser um elemento que traz representatividade e qualifica o exercício realizado⁶.

Com esse levantamento prévio, constata-se que a Sociologia esteve presente em todas as edições do Enem naquele período. Assim como é possível constatar uma inserção crescente que condiz com a legislação que a torna obrigatória, porém, essa inserção é, em geral, inferior à das outras subáreas mais tradicionais, notadamente Geografia e História, e oscila com o tempo. Vale registrar que a Sociologia apresenta inserção, em termos quantitativos, semelhante à da Filosofia, disciplina com a qual compartilha o percurso histórico intermitente.

Por exemplo, em 2009 a prova apresentou dentre as 45 questões que a compõem, desconsiderando a interdisciplinaridade e focalizando a predominância do conhecimento por subárea, 15 questões de Geografia, 18 de História, apenas uma questão de Filosofia e duas de Sociologia. Em 2014, decorridos cinco anos, encontra-se uma distribuição

⁵ Os itens (como são chamadas as questões) do Enem são de múltipla escolha, com cinco alternativas, sendo constituídos por texto-base, enunciado, gabarito (alternativa correta) e distratores (alternativas incorretas), além da justificativa de cada alternativa (que não aparece na prova).

⁶ Argumento inspirado em estudo sobre a inserção da Filosofia no Enem, segundo o qual “A diversidade de fontes assim como a articulação do clássico com o atual devem ser encorajadas, mas o maior uso de textos filosóficos clássicos no Enem serve a outro objetivo importante: fortalecer o espaço da filosofia, tanto no exame quanto no ensino médio” (MACEDO, 2015, p.101-102).

composta por 13 questões de Geografia, 15 de História, sete de Filosofia e cinco de Sociologia, assim, é possível identificar um tímido aumento da cobertura da Sociologia. Já em 2015, tem-se oito questões de Geografia, 14 de História, sete de Filosofia e nove de Sociologia, havendo um aumento expressivo na quantidade de questões de Sociologia e uma diminuição nas de Geografia (cabe observar que esses dois componentes curriculares, tradicionalmente, compartilham muitos conteúdos). Por último, na edição de 2018, a prova apresentou 11 questões de Geografia, 16 de História, seis de Filosofia e retornou ao patamar de apenas cinco de Sociologia.

Abaixo, apresenta-se uma tabela com a distribuição das questões das provas de Ciências Humanas do Enem, por subárea, em todo o período 2009 a 2018.

Tabela 1. Questões do Enem por subárea de Ciências Humanas (2009-2018)

Enem CH – Caderno Azul	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Filosofia*	1	3	1	6	5	7	7	6	6	6
Geografia*	15	12	16	12	11	13	8	9	12	11
História*	18	17	15	13	10	15	14	13	12	16
Sociologia*	2	3	3	3	5	5	9	7	6	5
Interdisciplinares**	9	10	10	11	14	5	7	10	9	7
Total	45 Questões em cada edição									

Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

* A classificação das questões por subárea foi realizada pela autora, para os fins deste estudo, podendo haver divergência com outros pesquisadores ou estudos.

** As questões interdisciplinares podem abranger duas ou mais subáreas.

Considerando-se a presença da Sociologia, em abordagens em que predomina e interdisciplinares (mais difusas), nas questões das provas de Ciências Humanas do Enem, de 2009 a 2018, constata-se de fato a sua forte inserção principalmente em questões interdisciplinares.

Tabela 2. Sociologia nas provas de Ciências Humanas do Enem (2009-2018)

Caderno azul (45 questões)	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Sociologia (predominante)	2	3	3	3	5	5	9	7	6	5
Sociologia (interdisciplinar)	7	10	10	10	13	4	7	8	7	5
Total	9	13	13	13	18	9	16	15	13	10
Percentual	20%	29%	29%	29%	40%	20%	36%	33%	29%	22%

Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

A tabela acima revela, por exemplo, que em 2009, a Sociologia em abordagem predominante esteve presente em apenas duas questões da prova, no entanto, também foi cobrada de forma interdisciplinar em outras sete questões, somando nove questões, o que configura presença em 20% da prova. Em 2013, ano de maior presença da Sociologia (total), esse componente curricular foi apresentado de forma predominante em cinco questões e de forma interdisciplinar em mais 13 questões, somando 40% da prova. Em 2015, ano de maior presença da Sociologia predominante, vê-se nove questões nessa categoria e sete interdisciplinares, configurando 36% da prova. Por fim, em 2018, há cinco questões em que a Sociologia predomina e cinco em que é cobrada de forma interdisciplinar, configurando percentual de 22%, próximo ao de 2009.

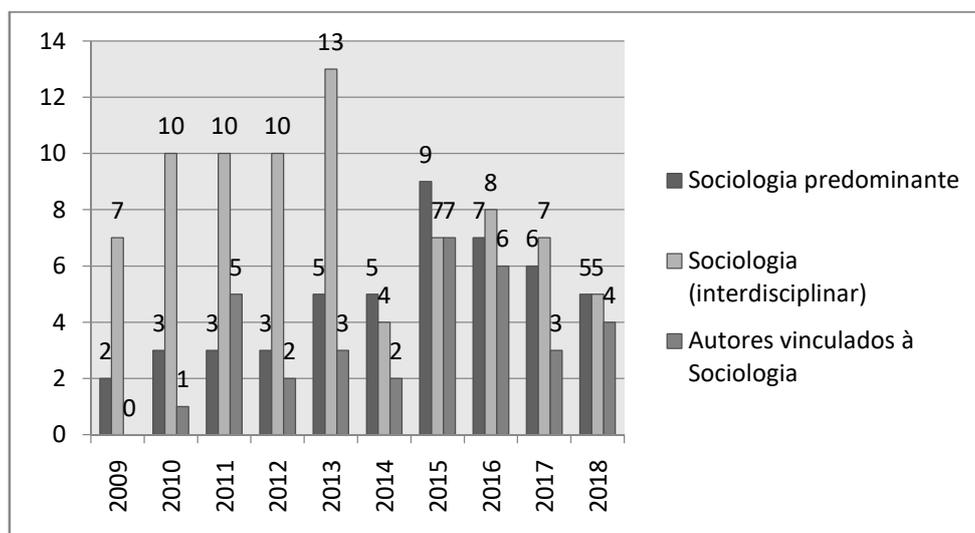
Novamente, ressalta-se que a interdisciplinaridade é uma característica das Ciências Humanas, enquanto área, e do Enem, no entanto, como se trata de um conhecimento em construção de sua identidade enquanto disciplina escolar, é importante analisar qualitativamente a sua representatividade nesses termos. Nesse sentido, Fraga e Matioli (2012, p. 11-12) argumentam que: “O diálogo interdisciplinar contribui para o reconhecimento da Sociologia, desde que as fronteiras não fiquem tão diluídas a ponto de ela nem ser distinguida pelo candidato”.

Adicionalmente e com o intuito de melhor perceber o quanto a abordagem da Sociologia se apropriava dos saberes vinculados à subárea, constatou-se que a presença de autores⁷ representativos do pensamento social é, em geral, inferior ao número de questões desta subárea na prova, inclusive considerando as questões em que predomina o conhecimento sociológico.

O gráfico apresentado a seguir agrupa os dados relativos aos itens em que a Sociologia predomina, aos itens em que ela contribui de forma interdisciplinar e ainda à presença de autores que conferem representatividade ao conhecimento das Ciências Humanas e que, nesses casos, expressam um pensamento vinculado à Sociologia:

⁷ A identificação dos autores considerou aqueles reconhecidamente sociólogos e representantes da Sociologia, como Marx, Durkheim e Weber, mas também outros que, embora não sociólogos, vinculam-se, em geral e principalmente nos itens, ao pensamento social, como os filósofos Simone de Beauvoir e Slavoj Zizek, o antropólogo Pierre Clastres ou o geógrafo David Harvey.

Gráfico 1. Sociologia nas provas de Ciências Humanas no Enem (2009-2018)



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

A informação do gráfico, de início, pode indicar uma abordagem mais genérica ou até próxima do senso comum, cabendo uma análise mais aprofundada, questão a questão, para avaliar a pertinência dos conteúdos apresentados, bem como a adequada representatividade desta subárea. É bom lembrar que Rossi (2017) chamou a atenção para o diálogo positivo da Sociologia com o senso comum e o conhecimento construído no cotidiano, mas também ressaltou a importância de estabelecer uma distinção com relação a esse conhecimento, justamente para consolidar a identidade e o sentido dessa disciplina no Ensino Médio.

Desse modo, o levantamento quantitativo realizado embora evidencie a presença da Sociologia nas provas de Ciências Humanas do Enem, atestando de início uma convergência com os atos legais que determinam essa inserção, também revela alguns dados que merecem uma verificação mais detida como: a oscilação no número de questões vinculadas a essa subárea em cada edição do exame; a sua forte presença em questões interdisciplinares mais difusas, o que não é um dado negativo *a priori*, mas requer análise no sentido de perceber se é uma situação que consolida ou que dilui o conhecimento sociológico, bem como a ocorrência de elementos distintivos da disciplina, como autores vinculados ao campo.

Para analisar a abordagem da Sociologia no Enem, foram selecionadas as questões em que se indicou a presença da disciplina, ou de forma predominante ou de forma interdisciplinar mais difusa, para uma reflexão pormenorizada por edição. Com

foco na edição de 2018, apresenta-se um quadro de diagnóstico que identifica os itens selecionados com sua posição (P) no caderno de prova e a sua classificação (Clas) atribuída no estudo, indicando sua competência (C) e habilidade (H) na matriz de referência do exame, a referência do texto-base e os principais elementos do item, caracterizando a área ou subárea a que se vincula o texto-base (TB), tema ou conceitos e teorias que constituem a situação-problema (SP) e o gabarito (Gab), permitindo assim ao leitor uma percepção das questões e um melhor acompanhamento da análise.

Quadro 1. Diagnóstico da edição 2018 do Enem

Enem 2018 - Caderno azul					
P	Clas	C	H	Referência	Elementos do item
48	Soc	3	11	CLASTRES, P. A sociedade contra o Estado. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.	TB: antropologia . SP: a caracterização de modelos políticos de diferentes sociedade . Gab: C) Intervenção consensual e autonomia comunitária.
50	Soc/His	1	5	www.thehenryford.org. E, www.abc.net.au.	TB (2): fotografias. SP: o movimento por igualdade civil e os atos que marcaram o seu início. Gab: D) deflagração do movimento por igualdade civil .
53	Soc/Geo	4	19	BRENNER, N. A globalização como territorialização. Cadernos Metrópole, n. 24, jul.-dez. 2010.	TB: publicação acadêmica. SP: o processo de globalização e a interdependência econômica . Gab: D) articulação de redes multiescalares.
60	Soc/Geo/His	2	8	JABER, H. Quem realmente acolhe os refugiados? Le Monde Diplomatique Brasil, out. 2015.	TB: jornalístico. SP: crise humanitária , caracterizada pela situação dos refugiados . Gab: E) desterritorialização forçada de populações afetadas por conflitos armados.
64	Soc/His	1	3	CALAINHO, D. B. Feitiços e feitiçeiros. In: FIGUEIREDO, L. História do Brasil para ocupados. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.	TB: história. SP: práticas culturais de matriz africana e seu significado social . Gab: E) instrumento para minimizar o sentimento de desamparo social .
70	Soc	4	16	DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.	TB: filosofia. SP: a apropriação da vida social pela economia e as manifestações contemporâneas desse fenômeno. Gab: B) exposição nos meios de comunicação .
80	Soc	1	2	COUTO, M. E se Obama fosse africano? & outras intervenções. Portugal: Caminho, 2009.	TB: literatura. SP: o papel estruturador das relações sociais , além da esfera econômica. Gab: B) fragilização das redes de sociabilidade .

81	Soc	4	18	CUNHA, L. Terras lusitanas e gentes dos brasis: a nação e o seu retrato literário. Revista Ciências Sociais, n. 2, 2009. E, BAUMAN, Z. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.	TB (2): ciências sociais e sociologia . SP: o processo de globalização , a ressignificação das fronteiras e o seu papel segregador . Gab: E) seletividade dos mecanismos segregadores .
87	Soc	5	21	Tônico para a saúde da mulher. Disponível em: www.propagandashistoricas.com.br .	TB: propaganda. SP: a questão de gênero , e os estereótipos historicamente atribuídos. Gab: B) fragilidade física e necessidade de aceitação.
90	Soc/Filo	5	24	BOBBIO, N. Teoria geral da política. Rio de Janeiro: elsevier, 2000.	TB: filosofia. SP: a concepção de democracia e o papel do indivíduo . Gab: E) centralidade do indivíduo na sociedade .

Fonte: Elaborado pela autora (2020) a partir de informações obtidas no *site* do Inep, disponíveis em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos> e <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>.

Na edição de 2018 do Enem, seguindo a classificação adotada para o estudo, a Sociologia se apresenta de forma mais evidente em 10 dos 45 itens. Quanto aos autores representativos do pensamento sociológico ou social, nesta seleção identificam-se quatro, entre eles apenas um sociólogo, dois filósofos e um antropólogo. Dentre os 10 itens selecionados, em cinco itens, o recurso ao conhecimento sociológico é considerado predominante e nos outros cinco prevalece a interseção com outras subáreas. Vale lembrar que nesta edição apresenta-se uma redução tanto no quantitativo de itens, predominante e interdisciplinar, quanto no de autores identificados com a Sociologia, em relação a edições anteriores. Quanto à matriz de referência, nesses 10 itens, a Sociologia cobriu 10 (de 30) habilidades e cinco (de seis) competências. É bom notar que a maleabilidade entre conteúdos e temáticas dentro da matriz de referência é considerada positiva já que possibilita diversidade de abordagens e notadamente, do ponto de vista da Sociologia, oferece uma amplitude de espaços para a sua inserção.

Nesta edição, a Sociologia compartilhou com a Geografia, a interdependência na economia globalizada e a crise humanitária decorrente da situação dos refugiados; com a História, discutiu o movimento por igualdade civil nos Estados Unidos e as práticas culturais e seus significados sociais; e, com a Filosofia, debateu a concepção de democracia de Norberto Bobbio. Nas questões em que predominou o conhecimento sociológico, foram abordados os diferentes modelos de Estado conforme Pierre Clastres; as relações sociais na contemporaneidade, com texto de Guy Debord; a

sociabilidade, a partir de texto literário; a relação entre fronteiras e segregação considerando o pensamento de Zygmunt Bauman; e a questão de gênero, com texto imagético. A partir da observação de algumas características desses itens é possível exemplificar algumas tendências na abordagem da disciplina.

Quadro 2. Enem 2018 - Caderno Azul - Questão 48

A tribo não possui um rei, mas um chefe que não é chefe de Estado. O que significa isso? Simplesmente que o chefe não dispõe de nenhuma autoridade, de nenhum poder de coerção, de nenhum meio de dar uma ordem. O chefe não é um comandante, as pessoas da tribo não têm nenhum dever de obediência. O espaço da chefia não é o lugar do poder. Essencialmente encarregado de eliminar conflitos que podem surgir entre indivíduos, famílias e linhagens, o chefe só dispõe, para restabelecer a ordem e a concórdia, do prestígio que lhe reconhece a sociedade. Mas evidentemente prestígio não significa poder, e os meios que o chefe detém para realizar sua tarefa de pacificador limitam-se ao uso exclusivo da palavra.

CLASTRES, P. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982 (adaptado).

O modelo político das sociedades discutidas no texto contrasta com o do Estado liberal burguês porque se baseia em:

- A) Imposição ideológica e normas hierárquicas.
- B) Determinação divina e soberania monárquica.
- C) Intervenção consensual e autonomia comunitária. (Gabarito)**
- D) Mediação jurídica e regras contratualistas.
- E) Gestão coletiva e obrigações tributárias.

Competência de área 3: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade 11: Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

Fonte: Elaborado pela autora (2020) a partir de informações obtidas no *site* do Inep, disponíveis em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos>, <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados> e https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf.

Essa questão foi classificada como de Sociologia predominante neste estudo, sendo possível perceber a contribuição da Antropologia, já que trata da organização política de diferentes sociedades, segundo o argumento do antropólogo Pierre Clastres. A questão mobiliza a competência de área 3 e a habilidade 11 da matriz de referência e a adesão do item, tanto à competência quanto à habilidade é considerada harmoniosa. Sobre a abordagem especificamente, observa-se que o conteúdo, relacionado a modelos políticos, e também o autor do texto são bastante identificados com a Sociologia, o que favorece a sua representatividade. Por outro lado, o diálogo mais forte apenas com a Antropologia e a opção por uma discussão mais conceitual ou teórica acabam se afastando da proposta do exame, de ser interdisciplinar e contextualizado, e refletindo

uma possível tendência de isolamento, observada anteriormente por Lima (2017). Esse tipo de tratamento também foi percebido, até de forma mais intensa, em edições anteriores, como em 2016, na questão 32 (caderno azul) que abordava a constituição do método sociológico, com texto de Émile Durkheim.

Quadro 3. Enem 2018 - Caderno Azul - Questão 81

TEXTO I

As fronteiras, ao mesmo tempo que se separam, unem e articulam, por elas passando discursos de legitimação da ordem social tanto quanto do conflito.

CUNHA, L. Terras lusitanas e gentes dos brasis: a nação e o seu retrato literário.
Revista Ciências Sociais, n. 2, 2009.

TEXTO II

As últimas barreiras ao livre movimento do dinheiro e das mercadorias e informação que rendem dinheiro andam de mãos dadas com a pressão para cavar novos fossos e erigir novas muralhas que barrem o movimento daqueles que em consequência perdem, física ou espiritualmente, suas raízes.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

A ressignificação contemporânea da idéia de fronteira compreende a

- A) liberação da circulação de pessoas.
- B) preponderância dos limites naturais.
- C) supressão dos obstáculos aduaneiros.
- D) desvalorização da noção de nacionalismo.

E) seletividade dos mecanismos segregadores. (Gabarito)

Competência de área 4: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento e na vida social.

Habilidade 18: Analisar diferentes processos de produção ou circulação de riquezas e suas implicações sócio-espaciais.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações obtidas no *site* do Inep, disponíveis em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos>, <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados> e https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf.

Essa questão também foi classificada como de Sociologia predominante, principalmente por trazer dois textos, um da Revista de Ciências Sociais e outro de sociólogo, o que a torna representativa para a disciplina, mas ainda assim é possível estabelecer um diálogo principalmente com a Geografia, que usualmente trata de questões relacionadas à circulação e fronteiras. Vale notar que o enunciado, ao propor uma “ressignificação contemporânea” promove a contextualização, demonstrando a convergência do item com a proposta do exame. A questão mobiliza a competência de área 4 e a habilidade 18 da matriz de referência, com uma ampliação do entendimento

da habilidade para contemplar a circulação de pessoas, além das riquezas e produtos. Sobre a abordagem especificamente, observa-se que esse tratamento que articula o elemento conceitual ou teórico e o real ou cotidiano favorece o fortalecimento da disciplina, e se revela mais próximo do que se espera da Sociologia escolar. Esse tipo de tratamento também foi percebido em edições anteriores, como em 2015, na questão 39 (caderno azul) que abordava as relações sociais no contexto das novas tecnologias, com texto de Muniz Sodré.

Quadro 4. Enem 2018 - Caderno Azul - Questão 87

	<p>Texto na imagem:</p> <p>ELLA SERIA ADORAVEL <i>...si não fosse doentia</i> <i>Só uma saúde perfeita pôde dar á mulher belleza e encanto capazes de a tornar adoravel aos olhos masculinos!</i> <i>Para ter uma saúde assim, tome "A SAUDE DA MULHER", o remédio que traz no nome o resumo das suas virtudes. "A SAUDE DA MULHER" regulariza o funcionamento do delicado organismo feminino.</i></p>
<p><small>Tônico para a saúde da mulher. Disponível em: www.propagandashistoricas.com.br. Acesso em: 28 nov. 2017.</small></p>	
<p>O anúncio publicitário da década de 1940 reforça os seguintes estereótipos atribuídos historicamente a uma suposta natureza feminina:</p>	
<p>A) Pudor inato e instinto maternal. B) Fragilidade física e necessidade de aceitação. (Gabarito) C) Isolamento social e procura de autoconhecimento. D) Dependência econômica e desejo de ostentação. E) Mentalidade fútil e conduta hedonista.</p>	
<p>Competência de área 5: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.</p>	
<p>Habilidade 21: Identificar o papel dos meios de comunicação na construção da vida social.</p>	

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações obtidas no site do Inep, disponíveis em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos>, <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados> e https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf.

Essa questão, classificada como de Sociologia predominante, ancora-se em um texto imagético, uma propaganda que, por seu caráter histórico traz algum diálogo com

essa disciplina, mas o conteúdo relacionado aos estereótipos de gênero é facilmente vinculado à Sociologia e a permanência de muitos desses estereótipos traz a contextualização requerida pela proposta do exame.

A questão mobiliza com propriedade a competência de área 5 e a habilidade 21 da matriz de referência e, embora seja facilmente perceptível a correlação com temas e conteúdos identificados também com a Sociologia, é significativo notar a menção a ‘conhecimentos históricos’ no texto da competência. Ressalta-se que não há menção expressa na matriz de referência do Enem, nem nas competências ou habilidades, sobre conhecimentos sociológicos – como há para conhecimentos históricos e geográficos. A falta de menção não impediu, como está registrado no estudo, a presença e a abordagem da Sociologia no Enem, uma vez que a subárea está contemplada na área de Ciências Humanas, mas considerando a institucionalização e o processo de consolidação da disciplina é um dado relevante, uma vez que expõe uma situação de fragilidade em comparação com outros componentes curriculares da área.

Sobre a abordagem especificamente, observa-se que a utilização de um texto imagético e o fato de a problematização estar bastante centrada na interpretação desse texto, faz com o item também possa ser percebido como um exemplo da abordagem identificada por Rossi (2017), que privilegia a relação do conhecimento sociológico com o cotidiano e o senso comum, uma vez que não seria possível estabelecer fronteiras entre essa interpretação e a compreensão sociológica. Esse tipo de tratamento também foi percebido em edições anteriores, como em 2017, na questão 90 (caderno azul) que abordava a contracultura por meio de fotografias que relacionavam moda e resistência na estética da estilista Zuzu Angel.

De modo geral, a análise da presença e abordagem da Sociologia no Enem evidenciou o diálogo com as outras subáreas, a cobertura da matriz de referência e a presença de autores, temáticas, conceitos e teorias identificadas com a disciplina. Ainda, foi possível perceber recorrências e tendências nos tipos de abordagem sociológica, destacando-se aquela em que elementos característicos da disciplina aparecem em aplicações contextualizadas, um tratamento que parece se firmar e configura-se positivo, pois traz visibilidade à disciplina em termos de sua presença e também converge com a proposta do exame, que se baseia em situações-problema que aproximem o aprendizado escolar e a realidade social.

Mas também foram verificadas situações que representam os extremos dessa recorrência citada: a tendência de isolamento da disciplina, focada na interpretação de um autor ou teoria, e a abordagem considerada mais diluída, com texto generalista e atual, sem demarcar adequadamente a fronteira com o senso comum. Percebendo-se, principalmente por essa última, que ainda se faz necessário incentivar a representatividade da disciplina a partir de elementos mais distintivos, contribuindo para a consolidação de sua identidade e sentido enquanto disciplina no Ensino Médio.

Portanto, em termos da abordagem, é preocupante a oscilação em fatores como a percepção do conhecimento sociológico nas questões, traduzida como predominância neste estudo, e a presença de autores vinculados à disciplina. Nota-se que as edições de 2015 e 2016 apresentaram um quantitativo maior de questões sociológicas, inclusive predominantes, evidenciando, na perspectiva de Bernstein, uma classificação mais forte no contexto geral da prova, o que pode ter sido o resultado de esforços cumulativos também no âmbito do Inep desde a institucionalização da disciplina por lei, mas nas edições seguintes, de 2017 e 2018, houve nova redução naqueles fatores. Tal fato pode ter sido causado por vários motivos, mas um indicativo aqui descrito e que pode ter contribuído para essa situação é a falta de menção explícita à Sociologia na matriz de referência do exame, o que traz alguma inconsistência à sua obrigatoriedade.

Vale ressaltar e também ressaltar que, de toda forma, não se poderia falar em uma ausência da disciplina uma vez que a sua amplitude temática combinada à intenção do exame de contemplar a realidade social, contribui para que seja percebida como componente considerável da prova, mesmo da perspectiva da matriz de referência. Ao longo de todo o período, a Sociologia conseguiu mobilizar todas as competências e quase todas as habilidades da matriz do Enem, revelando inclusive o seu efetivo alinhamento e a sua contribuição diante dessa nova proposta de Ensino Médio, estabelecida na LDB de 1996, e que o Enem se propõe a apoiar.

Desse modo, Fraga e Mاتيолли (2015) fazem uma consideração interessante ao registrarem que a Sociologia apresenta ainda um enquadramento frágil no Enem, mesmo a despeito de um imaginário que percebe a disciplina já consolidada na prova. Bom, a percepção de consolidação é compreensível uma vez que, conforme demonstrado aqui, a disciplina esteve presente em todas as edições do exame, mas, sobre o enquadramento, os autores já haviam apontado que:

No caso do ENEM, a sociologia marca presença de quatro formas distintas e simultâneas: 1ª) indiretamente, na interface com a redação; 2ª) como pano de fundo, contextualizando questões das outras disciplinas de Ciências Humanas; 3ª) de maneira interdisciplinar, quando a resolução de uma questão depende da interseção entre a sociologia e, pelo menos, mais uma disciplina; 4ª) em questões que apresentam um texto de cunho sociológico a ser interpretado (FRAGA; MATIOLLI, 2014, p. 197).

Pela descrição acima, seria possível considerar que as questões analisadas neste estudo, que aqui foram classificadas como de Sociologia interdisciplinar e de Sociologia predominante, corresponderiam respectivamente àquelas citadas nas categorias 3ª e 4ª de Fraga e Matioli e, desse modo, estariam compreendidas na conclusão dos autores, de que no Enem, “difícilmente há o acionamento do que nós chamamos de conhecimento sociológico prévio para a resolução da prova” (2014, p. 198), sendo que uma das primeiras explicações para isso residiria na própria concepção do exame:

Esse exame busca avaliar, antes de tudo, competências e habilidades, e não conteúdos. Isso faz com que muitas questões da prova de humanas possam ser respondidas sem obrigatoriamente a necessidade de conhecimentos prévios, mas com os recursos ofertados no próprio enunciado, composto geralmente por um texto de contextualização a ser interpretado (FRAGA; MATIOLLI, 2014, p. 204).

No entanto, os pesquisadores observaram ainda que essa é uma situação constante para a Sociologia, mas não para outras disciplinas da área de Ciências Humanas, cuja abordagem varia entre questões que requerem conteúdos anteriores e outras que recorrem mais à interpretação, o que seria explicado na verdade pela trajetória dessas outras disciplinas que “já vivenciaram longos processos de cristalização de conteúdos” (FRAGA; MATIOLLI, 2014, p. 204).

Nesse cenário e considerando a centralidade que o exame assumiu na política educacional brasileira, Fraga e Matioli observaram os impactos do Enem na prática docente e na conformação dos conteúdos de Sociologia para o Ensino Médio, entendendo que

embora seu edital não defina aquilo que será cobrado dessa disciplina em termos conteudísticos, a sucessão de provas começa a marcar, na prática, o que o Exame parece entender por sociologia. Para além das competências e habilidades, a análise das provas passa a evidenciar um rol de autores, temas e conceitos que, por mais que estejam, de certa forma, muitas vezes, a serviço apenas de uma interpretação de textos, passa a ser levado também em consideração pelos professores (FRAGA; MATIOLLI, 2014, p. 207-208).

Para os fins do presente estudo, cabe conduzir a análise para a perspectiva do Inep e do Enem e vislumbrar o seu papel nesse contexto e possíveis contribuições, sobressaindo dois aspectos determinantes: 1) a importância de que, formalmente, a Sociologia ocupe um espaço equiparado ao das outras subáreas nos documentos oficiais que norteiam a concepção e a elaboração do exame, repercutindo assim em suas práticas – como na matriz de referência, por exemplo, dessa forma, estaria pré-determinada a observação aos saberes específicos do campo sociológico, mesmo em um contexto de valorização da interdisciplinaridade, assim como acontece para as outras disciplinas; e 2) o incentivo à representação da subárea por meio de autores e pensadores sociólogos e/ou vinculados ao pensamento social significativos para o campo, com o intuito de qualificar uma abordagem que se mostra bastante ancorada à interpretação de uma situação-problema a partir de um texto-base, bem como para trazer identidade ao conteúdo sociológico, minimizando a sua diluição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se o registro e as reflexões sobre a presença e a abordagem da Sociologia no Enem, desde a Lei nº 11.684 de 2008, significativo no âmbito dos trabalhos desenvolvidos no Inep, mas também para o próprio campo sociológico e principalmente para o campo do ensino de Sociologia, permitindo avaliar os avanços alcançados, mas também a permanência de alguns desafios. Além disso, ressalta-se a iminente reestruturação do Enem para adequação à nova BNCC, como um momento oportuno para esse debate, propício à revisão e ao aprimoramento das práticas relacionadas ao currículo e à avaliação.

Ao longo das análises realizadas revelarem-se outros aspectos que mereceriam investigações mais aprofundadas que, infelizmente, não couberam nos propósitos ou mesmo nas possibilidades deste estudo, como é o caso dos distratores das questões. Supõe-se que a sua análise, juntamente com os dados estatísticos, poderia evidenciar aspectos ou conteúdos da disciplina não alcançados pelos estudantes, por exemplo, observando-se os distratores que foram considerados corretos; poderia também elucidar melhor a relação ou as fronteiras entre o conhecimento sociológico e o senso comum, verificando-se, por exemplo, o acerto dos respondentes e o nível de dificuldade dos itens considerados de Sociologia.

Em uma perspectiva mais ampla, caberia uma reflexão aprofundada sobre o impacto e a pertinência da interdisciplinaridade tal qual é adotada no cenário educacional brasileiro, inclusive porque a nova BNCC parece intensificar essa perspectiva. Vale lembrar que mesmo os documentos oficiais norteadores do currículo que valorizam essa tendência consideram as contribuições específicas das disciplinas na construção da abordagem interdisciplinar, desse modo, espera-se uma relação de complementaridade baseada na solidez dos saberes disciplinares, no entanto, nem sempre é esse o resultado encontrado, como ficou revelado nas abordagens mais diluídas das questões sociológicas.

Enfim, trata-se de um vasto campo de pesquisa e esta é apenas uma contribuição pontual que, espera-se, seja significativa.

REFERÊNCIAS

BODART, Cristiano das Neves; SILVA-SAMPAIO, Roniel. Quem leciona Sociologia após 10 anos de presença no Ensino Médio brasileiro? In: BODART, Cristiano das Neves; LIMA, Wenderson Luan dos Santos. **O ensino de Sociologia no Brasil**. v.1. Maceió: Café com Sociologia, 2019.

BRASIL. Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 3 jun. 2008. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). **Exame Nacional do Ensino Médio 2018**: prova de ciências humanas e suas tecnologias: caderno azul. 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 03 jun. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Enem 20 anos**: um exame do tamanho do Brasil. Brasília: Inep, [2018].

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Matriz de referência Enem**. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: http://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf. Acesso em: 03 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Portaria nº 438, de 28 de maio de 1998. Institui o Exame Nacional do Ensino Médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, 01 jun. 1998. Seção 1, p. 5.

FRAGA, Alexandre Barbosa.; MATIOLLI, Thiago Oliveira Lima. A Sociologia no vestibular: o caminho da legitimidade pelo enquadramento. In: ENCONTRO ESTADUAL DE ENSINO DE SOCIOLOGIA, 3., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [http:// https://docplayer.com.br/5149990-A-sociologia-no-vestibular-o-caminho-da-legitimidade-pelo-enquadramento.html](http://https://docplayer.com.br/5149990-A-sociologia-no-vestibular-o-caminho-da-legitimidade-pelo-enquadramento.html). Acesso em: 22 mar. 2021.

FRAGA, A. B.; MATIOLLI, T. O. L.. Os conteúdos de Sociologia nos vestibulares e no ENEM: uma discussão sobre conhecimento prévio. **Saberes em perspectiva**, Jequié, v. 4, n. 8, p. 195-215, 2014.

FRAGA, A. B.; MATIOLLI, T. O. L.. Os impactos da presença da sociologia nos sistemas de ingresso ao ensino superior: o que dizem os professores. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 103-123, dez. 2015.

LIMA, Alexandre. J. Correia. A Sociologia nas Matrizes Curriculares do Ensino Médio e no Enem: temas, teorias e conceitos. In: SILVA, Ileizi Fiorelli; GONÇALVES, Danyelle Nilin (Orgs.). **A Sociologia na Educação Básica**. São Paulo: Annablume, 2017.

MACEDO, Ester Pereira Neves de. **Filosofia no Enem**: um estudo analítico dos conteúdos relativos à filosofia ao longo das edições do Enem entre 1998 e 2011. Brasília, DF: Inep, 2015.

MAINARDES, Jefferson; STREMEL, Silvana. A teoria de Basil Bernstein e algumas de suas contribuições para as pesquisas sobre políticas educacionais e curriculares. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 31-54, maio/agosto 2010.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. Ensino de sociologia no ensino médio: reflexões e desafios. In: BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Avaliações da educação básica em debate**: ensino e matrizes curriculares de referência das avaliações em larga escala. Brasília: Inep, 2013.

RIBEIRO, Flávia Ghignone Braga. **A presença e a abordagem da Sociologia no Exame Nacional do Ensino Médio a partir das diretrizes e orientações curriculares oficiais para a disciplina**. Dissertação (Mestrado em Gestão e Avaliação da Educação Pública). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

ROSSI, Laura Almeida Braga. Desafios do ensino de Sociologia na Escola Pública Brasileira: um olhar a partir de resultados da avaliação em larga escala. In: SILVA, Ileizi Fiorelli; GONÇALVES, Danyelle Nilin (Orgs.). **A Sociologia na Educação Básica**. São Paulo: Annablume, 2017.

SANTOS, Lucíola. Licínio. de C. P.. Bernstein e o campo educacional: relevância, influências e incompreensões. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 120, p. 15-49, nov. 2003.